

# O Educomunicador na Era da Informação

Claudia Guerra Monteiro\*

## Índice

1 A explosão da internet e do ciberespaço	1
2 Das cidades cabeadas ao mercado da informação	4
3 Conclusão	8
4 Referências	8

## Resumo

A emergência de um novo campo de estudo, o da educomunicação, não se limita apenas às formas tradicionais de ensino (e de comunicação). A explosão da Internet, embora seguida de um certo declínio, abre novos horizontes para o profissional que surge das práticas intrínsecas a esse novo campo. Neste artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, faz-se a uma reflexão sobre o perfil do educador nessa nova fase da comunicação humana que muitos autores denominaram “Era da Informação.”

**Palavras-chave:** Educomunicador, perfil, era da informação, novos mídias.

---

\*Claudia Guerra Monteiro é professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces).

## 1 A explosão da internet e do ciberespaço

Na introdução do artigo “Comunicação e a Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seu profissional”, do professor ISMAR DE OLIVEIRA SOARES (2000)<sup>21</sup>, pós-doutor pela Marquette University, Milwaukee, WI, USA, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, não chama, apenas, a atenção para essa nova realidade. Apresenta-se quase como uma previsão:

Ano 2000. Ainda não se passaram seis anos da explosão da Internet, e 90% das universidades americanas já estão oferecendo algum tipo de educação a distância através do uso das modernas tecnologias da comunicação, prevendo-se que, para meados da primeira década do novo milênio, 50% de toda a educação do país será desenvolvida fora dos locais tradicionais, ou seja, inteiramente através do ciberespaço.

Entre os pesquisadores não há consenso quanto à denominação desse novo local, con-

---

<sup>21</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. La comunicación/educación como nuevo campo del conocimiento y el perfil de su profesional. *In: Comunicación-Educación: coordenadas, abordajes y travesías*. Bogotá, Fundación Universidad Central, Departamento de investigaciones, DIUC, 2000.

siderado não-tradicional, no qual se processa a troca de informações. Esse ambiente de troca não é mais a escola tradicional, não apenas nos Estados Unidos. Em todo o mundo, uma das áreas de mais cresce é a do *e-learning*. No entanto, as discussões sobre a denominação desse ambiente de trocas parece não ser tão atual.

Ao apresentar o conceito de “aldeia global”, ainda nos anos 60, o pesquisador canadense MARSHALL McLUHAN (1994)<sup>32</sup> talvez nem imaginasse que, mais de 40 anos depois, o mundo estivesse próximo de tornar realidade sua previsão. Atualmente, as discussões nem giram mais em torno da dúvida de que o mundo será ou não uma aldeia global. apresentou ao mundo o conceito de “aldeia global”. Hoje, essa “aldeia” recebe o nome de cyberspaço, sociedade da informação, Internet, World Wide Web, era da informação e, até mesmo, realidade virtual.

Não parece haver dúvidas quando ao fato de o mundo estar interligado. E essa interligação tem reflexos no processo de educação formal e, conseqüentemente, tanto nesse novo campo do conhecimento quanto no perfil do profissional que nele trabalha. No entanto, não se pode refletir sobre esse novo profissional e suas habilidades sem antes se fazer uma reflexão sobre o novo ambiente no qual as atividades desse profissional irão se desenvolver.

Um dos pensadores que se destacaram por estudar as mudanças da sociedade foi ALVIN TOFFLER (1995)<sup>43</sup>. Em suas análises sobre as mudanças mais importantes da humanidade ele falou em três “ondas”. A pri-

<sup>32</sup> McLUHAN, Marshall. *Understanding media*. Cambridge: MIT Press, 1994.

<sup>34</sup> TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

meira, cuja característica principal foi transformar a sociedade que vivia em função da coleta de alimentos e da criação de pequenos rebanhos e uma sociedade agrícola. A Segunda mudança drástica do modo de produção da humanidade ocorreu no Século XIX, com a Revolução Industrial. Após a Segunda Guerra mundial, a evolução dos transistores e dos circuitos eletrônicos criou as para o que TOFFLER chamou de Revolução Digital. Para ele, a característica mais importante dessa nova revolução foi fazer com que a sociedade de produção passasse a ser uma sociedade de serviços.

De fato, essa mudança parece ter se confirmado ao longo do tempo. O professor MICHAEL DERTOUZOS (2000)<sup>54</sup> diz que os serviços de escritórios dominam aproximadamente 58% da força de trabalho (incluindo o governo) da economia norte-americana. Ele revela que há estimativas dando conta de que 60% do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos sejam gerados pela área de serviços. “A área de serviço parece concentrar pelo menos 50% da força de trabalho.” No campo da educação, por exemplo, não é de se estranhar que os dados apresentados por SOARES (2000) indiquem que 50% dos cursos, nos Estados Unidos, estejam sendo oferecidos através da Internet.

As discussões dos autores giram em torno de como denominar esse contexto, esse campo de trocas nessa nova fase vivida pela humanidade. O próprio SOARES<sup>65</sup>, já em

<sup>45</sup> DERTOUZOS, Michael. *O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*. 3. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>56</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

1996, refletia sobre as mudanças e chamava a atenção para o fato de elas ampliarem “forma excepcional a capacidade de produção, acumulação e veiculação de dados e informações.” Ora, parece evidente que essa ampliação da produção, acumulação e veiculação de dados e informações produziria mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem e no perfil profissional dos educadores nessa nova era.

Para SOARES, as mudanças econômico-ideológico-culturais sofreram e receberam influência direta da revolução tecnológica e isso levou alguns analistas a denominar o momento histórico atual como a “Era da Informação”. Segundo ele, “o conceito Era da Informação passou a designar não apenas o conjunto dos instrumentos técnicos disponíveis ou a capacidade de produzir, armazenar e distribuir dados, mas o próprio uso político resultante de tal processo”.

Para SOARES, a comunicação na “Era da Informação” é *planetária*, pois não há mais barreiras para os sinais dos veículos de comunicação. Isso provoca um entrecruzamento das redes pessoais, estatais e das organizações. “É o caso do sistema Internet, que está efetivamente democratizando o acesso ao banco de dados e favorecendo a circulação de informações, aproximando as pessoas”.

Essa comunicação, ainda de acordo com SOARES, é *permanente*, pois o sinal das emissoras de rádio e TV, bem como as redes informatizadas (Internet), estão disponíveis a qualquer hora do dia. Além disso, a comunicação na “Era da Informação” é *imediatada*, pois pode ser atualizada quase que simultaneamente ao fato, dando “a seus consumidores (das notícias) a sensação e o sen-

timento ímpar de serem contemporâneos de seu mundo”.

O pesquisador espanhol, MANUEL CASTELLS<sup>76</sup>, professor do Departamento de Sociologia da *University of Califórnia*, em Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos, publicou a obra “A era da informação: economia, sociedade e cultura”. A obra é em três volumes. Em “A sociedade em rede”, o primeiro volume da trilogia, ele traça um perfil da dinâmica econômica e social da “nova era da informação”.

O segundo volume recebeu o nome de “O poder da identidade.” Nele, os conflitos existentes entre identidade e globalização foram explorados à exaustão. Como consequência do processo de globalização das atividades econômicas, consideradas por ele estratégicas, houve a flexibilização do trabalho. Nesse volume o autor explora, também, o conceito de “virtualidade real.”

O processo global de mudança é analisado no terceiro volume, “O fim do milênio.” A base teórica do livro é uma análise do “colapso” da União Soviética. Segundo o autor, a destruição da União Soviética é uma demonstração da incapacidade de o sistema do estatismo industrial levar um país à “Era da informação”.

BILL GATES (1999)<sup>77</sup>, dono da empresa Microsoft diz que se vive na ‘Era da informação’ há mais de trinta anos, “mas a

<sup>67</sup> CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, obra em três volumes. São eles. \_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1997. Vol 1. \_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1998. Vol. 2. \_\_\_\_\_. *O fim do milênio*. São Paulo: Paz e terra, 1999. Vol. 3.

<sup>78</sup> GATES, Bill. *A empresa na velocidade do pensamento: com um sistema nervoso digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

maioria das informações que circulam entre as empresas permanece em papel, por isso o processo em que os compradores encontram os vendedores continua sem alteração”. Esse encontro tradicional entre compradores e vendedores já não acontece mais na escola. Ao que parece, há uma tendência de substituição dos encontros “reais” pelos encontros “virtuais” entre professores e alunos.

Na era da informação, esses encontros, cada vez mais irão acontecer no cyberspaço, na Internet, na Realidade Virtual. Se há consenso quanto à denominação era da informação, o mesmo não se pode dizer em relação ao cyberspaço. Entre os autores, as divergências são quase irreconciliáveis.

## 2 Das cidades cabeadas ao mercado da informação

Para o professor S. SQUIRRA<sup>98</sup> (1998), pós-doutor pela Universidade da Carolina do Norte, os EUA foram o primeiro país a imaginar um mundo interligado quando, na década 70, idealizaram as “cidades cabeadas”. Segundo ele, a idéia das “wired cities” foi apresentada no programa “Grande Sociedade” do governo Johnson e “tinha como objetivo principal amenizar os explosivos problemas sociais da época.” Logo, as cidades cabeadas seriam as conectadas por cabos de fibras óticas.

Em 1993, o vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, chamou a atenção de diversos setores da economia norte-americana para a necessidade de o país criar a *National Infrastructure of Information* (NII). Mais

<sup>98</sup> SQUIRRA, S. *Jorn@lismo online*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1998. [Original em cópia reprográfica].

tarde, essa infra-estrutura recebeu o nome de *Data Superhighway* (superestrada da informação). Hoje, é chamada, também, de *Infobahn*.

Os Estados Unidos levaram tão a sério a idéia de interligar as cidades que, segundo DERTOUZOS, “o projeto NII inclui mais de US\$ 1 bilhão anualmente em investimentos na pesquisa e desenvolvimento e em outras organizações governamentais voltadas para esse fim.” Em julho de 1994, a União Européia passou a denominar essa infra-estrutura de “Sociedade Global da Informação”. De acordo com SQUIRRA (1998), a Europa prepara uma “...super-rede, chamada High Performance Computing Networking.”

As divergências na denominação dessa infra-estrutura usada para a circulação das informações envolve, também, os teóricos. CASTELLS<sup>190</sup> diz que “vivemos em plena virtualidade real.” Para ele, essa virtualidade concentra informações, mensagens e interação e pode ser considerada o “habitat do hipertexto eletrônico.” SOARES<sup>1101</sup> (1996) também diz que o referencial cognitivo da Comunicação de Massa é o surgimento de uma “realidade virtual”. À imensa audiência da realidade virtual ele denomina cyberspaço. Para ele, a realidade é “virtual” por simular o mundo real ao qual representa.

WILSON DIZARD JR (2000)<sup>1112</sup>, professor associado sênior do programa de políticas de comunicações do *Center for Strategic*

<sup>910</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1998. Vol. 2.

<sup>1011</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

<sup>1112</sup> DIZARD JR., Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

et International Studies, em Washington, explica que “realidade virtual é um novo tipo de interface homem-computador que oferece um mundo de fantasia onde jogos e outros recursos de informação estão à disposição dos consumidores domésticos.” DIZARD JR. considera, também, que a realidade virtual recebe o nome de “ciberespaço (termo tomado de empréstimo ao romance de William Gibson, *Neuromancer*, de 1984)”.

ANDRÉ L. M. LEMOS<sup>123</sup>, doutor em Sociologia pela Universidade de Sorbone, na França, e professor da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Paraíba (UFBA) afirma que o termo “ciberespaço” (sic) designa “o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual).” Para o autor, outra perspectiva deve ser levada em conta: a de que o “ciberespaço” também ser “o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta (BBS, videotextos, Internet...)”.

Essas duas concepções do ciberespaço, de acordo com o pesquisador, estão cada vez mais se aproximando e caminham para uma interligação: “pois as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões.” O arquiteto FÁBIO DUARTE (1999)<sup>134</sup>, mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, está entre os que definem o cibe-

respaço como a própria infra-estrutura utilizada para a troca de informações:

Telefones, celulares, rádio e televisão, infra-estrutura de cabos de cobre ou fibras óticas, ondas de rádio ou satélites, organizados em redes locais (Intranets, como por exemplo, a ligação em rede entre os computadores da Universidade de São Paulo) ou globais, tendo seus terminais de comunicação ou suas informações gerenciadas por computadores, formam o ciberespaço.

Já EUGÊNIO TRIVINHO (1999)<sup>145</sup>, doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, busca na semiótica a base teórica para suas análises do ciberespaço. Para ele, o cyberspace é “um fenômeno social-histórico-comunicacional”. Assim sendo, segundo ele, sua significação só pode ser entendida de forma completa “ao final do percurso de um pensamento articulado.” A outra é categórica: “somente na contemplação da curvatura desse arco reflexivo, é que se pode se pôr um conceito mais consistente e crítico acerca de sua natureza e à altura de sua complexidade.”

Uma das definições mais simples e, aparentemente, mais completas sobre a infraestrutura através da qual as informações circulam, modernamente, é a do professor MICHAEL DERTOUZOS<sup>156</sup> (2000). Ele cu-

<sup>123</sup> LEMOS, André L. M. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*. [Online]. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/artigos.html>

<sup>134</sup> DUARTE, Fábio. *Democracia no território digital*. Comunicação & Educação. São Paulo: Ed. Moderna: ECA-USP, 1999. n. 14. jan./abr. p. 27-32.

<sup>145</sup> TRIVINHO, Eugênio. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. 466p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

<sup>156</sup> O original do livro “*What will be: how the New World of Information will change our lives*”, MICHAEL L. DERTOUZOS, foi publicado em San Francisco, pela HarperCollins, 1m 1997. A expressão “Mercado da informação”, no entanto, é anterior ao livro: foi cunhado em 1981, em uma de suas conferências sobre o tema.

nhou, em 1981, a expressão “Mercado de Informação”, inspirado no mercado das pulgas, de Atenas, sua terra natal. O conceito é assim explicado:

*“Por Mercado da Informação entendo a reunião de pessoas, computadores, meios de comunicação, softwares e serviços que serão engajados nas transações de informações interpessoais e inter-institucionais do futuro. Estas transações incluirão o processamento e a transmissão de informações em conformidade com os mesmos estímulos econômicos que impulsionam o mercado tradicional de bens e serviços.”*

Ainda que não se apresente, do ponto de vista semântico, como a forma mais correta, percebe-se que há uma tendência a denominar toda essa infra-estrutura apenas de Internet. Portanto, não se pode deixar de refletir sobre o papel no educador nesse novo cenário. O que parecer ser claro é que o fluxo de informações nessa nova era tende a ser bem maior do que a capacidade humana de processá-las. Assim sendo, parece necessário o surgimento de um profissional especificamente qualificado para selecionar essas informações em todas as áreas do conhecimento. Nas áreas de Comunicação e Educação, tudo indica que esse profissional será o educador.

Antes de se examinar esse aspecto, outra vertente merece reflexão. Grande parte dos teóricos acreditam que o surgimento desse “mercado da informação” seria capaz de democratizar o acesso ao conhecimento e, por conseguinte, às informações. Essa visão é contestada por DERTOUZOS. Para ele, esse é o tipo de pensamento dos idealistas. Sobre o tema, ele lança reflexões:

*“A comunicação não garante automaticamente maior igualdade, pelo menos a curto prazo. O telefone melhorou as comunicações de modo decisivo, há muito tempo, e não parece ter afetado as questões de igualdade. Uma ditadura pode ampliar seu poder com o Mercado da Informação, tanto quanto uma democracia, usando-o para garantir o cumprimento das ordens e vontades do ditador, tornando-as mais convincentes e comunicando-as com rapidez e eficiência aos cidadãos. É claro que o avanço nas comunicações permitirá que as pessoas conspiram e promovam revoltas. Mas o telefone não ajudou a derrubar ditaduras, inclusive pelo medo típico do monitoramento das ligações. O mesmo pode ocorrer com o Mercado da Informação.”*

O autor tem uma dura conclusão a respeito da tese de que a Internet democratizará a troca de conhecimentos: “A conclusão dolorosa é que, deixado por sua própria conta, o Mercado da Informação aumentará a brecha entre países ricos e pobres, e entre pessoas ricas e pobres.” DERTOUZOS se utiliza desses argumentos para tentar demonstrar que a idéia da livre troca de informações, na Internet, também parece utópica. Ele argumenta que “embora seja igualitário. Nobre até, haver a possibilidade de todos escreverem o que quiserem, e ‘publicar’ isso livremente no Mercado da Informação, o resultado será o mesmo: uma enorme pilha de info-junk (lixo da informática) que a maioria de nós não se interessará em ler.” É nesse ponto que o autor chama a atenção para a necessidade de intermediários “da palavra escrita, das artes visuais e dos espetáculos, bem como das novas formas criativas que surgirão.

Ora, por que não imaginar que haverá a necessidade desse profissional, também na

área da Comunicação e Educação? Há quem argumente que os programas gerenciadores de informação podem assumir essa tarefa de selecionar informações nas diversas áreas. DERTOUZOS discorda:

*“Será que os programas gerenciadores cuidarão disso? Duvido, pois lhes faltará inteligência suficiente para a tarefa. É mais provável que as pessoas recorram a editores e críticos de carne e osso, que possam usar seu discernimento para separar as pérolas no meio da pilha de lixo.”*

E quem serão esses profissionais, nas suas respectivas áreas? PETER VERWEY<sup>1617</sup>,<sup>7</sup>, professor da Universidade de Utrecht, cujas especialidades são “Jornalismo on-line” e “Computer Assisted Reporting” afirma que na área de jornalismo, o futuro é promissor em função da necessidade de “o leitor precisa de um formato que possa controlar e de uma pessoa em quem possa confiar”. Na tentativa de corroborar seus argumentos, VERWEY usa propostas de KATHERINE FULTON<sup>1718</sup>, que defende a idéia de que as tecnologias variáveis forçam as jornalistas a re-examinar perguntas fundamentais como: O que exatamente são notícias? Quem tem o direito de informar? Como você faz isso de forma útil? No caso das escolas, o que a Internet pode representar? DERTOUZOS é enfático:

O mercado de informação mudará o papel das escolas, universidades e da comunidade

<sup>1617</sup> VERWEY, Peter. *The digital journalism*. Disponível no endereço eletrônico: <<http://argus.fcj.hvu.nl/digirev/hst1.htm#a8>

<sup>1718</sup> KATHERINE FULTON é “senior practitioner” da empresa Global Business Network, na qual conduz projetos previsão de cenários, estratégias e mudanças.

educacional. Um dos efeitos mais óbvios será a expansão simultânea do mercado escolar para os estudantes. Por que se matricular na escola, centro de treinamento ou universidades locais, se o estudante pode frequentar uma escola mais distante, porém melhor e mais adequada a seus interesses específicos? Esta questão vem causando um bocado de confusão, e mesmo algumas ações e declarações pesadas sobre o aprendizado à distância, conforme as escolas e universidades lutam para tirar vantagem de um mundo rico em informação.

No entanto, DERTOUZOS não garante que, na Educação, haverá a necessidade de um intermediário. Ele chama a atenção para os programas de computador chamados de “orientadores automáticos”. Esses programas são considerados uma extensão dos instrumentos de síntese, ou sejam, aqueles instrumentos que nos ensinam a projetar objetos reais e virtuais. Mas DERTOUZOS não acredita que esses programas substituam os professores de carne e osso. “Os professores automáticos precisam de inteligência para que sejam eficazes. Esses programas são extremamente simples, o que podem oferecer grandes benefícios pedagógicos.” Ele fala, também, do “assistente on-line”, considerada outra espécie de professor simplificado:

Ele arquiva respostas prontas para as perguntas mais frequentes de determinada disciplina. O estudante digita a questão e o sistema responde. Caso o programa não consiga encontrar a pergunta m sua lista, transfere o problema para um assistente de ensino humano, que a responde de onde estiver. Isso satisfaz o aluno, e enriquece a biblioteca de respostas do programa online, que respon-

derá questões similares diretamente, no futuro.

ROBERTSON (1998)<sup>189</sup> ressalta a transformação que a educação passará, pois para ele, “a maioria dos computadores irá ocupar a posição central na educação, um espaço até então ocupado por livros, pois os computadores terão muitas funções que serão previamente desenvolvidas por instrutores. No entanto mais importante que isso, serão as alterações que irão causar no sistema educacional.”

BACCEGA (1996)<sup>20</sup> não vê a tecnologia nas escolas representada apenas pela presença de equipamentos sofisticados. Para ela, “a tecnologia está na escola não exatamente na forma de aparelhos sofisticados (ainda são tão poucas as que os possuem, disponíveis para todos) mas sim na cultura dos alunos que nela estão.” E complementa:

Eles (os alunos) são resultado desse mundo pleno de tecnologias, dessa nova cultura, independentemente do nível sócio-econômico a que pertencem. Por isso, no campo da educação, o desafio maior tem sido a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio-cultural.

Para BACCEGA, o importante nisso tudo, é ensinar o aluno a trabalhar com a informação, dando condições a esse aluno de trabalhar junto com a informação, incorporando-a a seu conjunto de idéias, valores e objetivos de sua cultura, usando-a para solucionar problemas mediante a sua realidade.

<sup>189</sup> ROBERTSON, Douglas R. *The new renaissance: computers and the next level of civilization*. New York: Oxford University Press, 1998.

<sup>20</sup> BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia, escola, professora. COMUNICAÇÃO e EDUCAÇÃO. São Paulo: Ed. Moderna: ECA/USP, 1996. n. 7. Set./dez. P. 7-12.

### 3 Conclusão

Esse quadro teórico e as proposições aqui apresentadas permitem, pelo menos, inferir que as modificações provocadas pelas novas tecnologias da comunicação, na sala de aula e no processo de troca de informações, podem abrir caminho para que um profissional de educomunicação seja requisitado para trabalhar como gerenciador desse processo de troca, na área educacional. Assim sendo, ao que tudo indica, não está surgindo apenas um novo campo de conhecimento, mas também, um novo campo de atuação profissional.

### 4 Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia, escola, professora. COMUNICAÇÃO e EDUCAÇÃO. São Paulo: Ed. Moderna: ECA/USP, 1996. n. 7. Set./dez. P. 7-12.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, obra em três volumes. São eles.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1997. Vol 1.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1998. Vol. 2.
- CASTELLS, Manuel. *O fim do milênio*. São Paulo: Paz e terra, 1999. Vol. 3.
- DERTOUZOS, Michael. O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. 3. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- DIZARD JR., Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DUARTE, Fábio. *Democracia no território digital*. Comunicação & Educação. São Paulo: Ed. Moderna: ECA-USP, 1999. n. 14. jan./abr. p. 27-32.
- GATES, Bill. *A empresa na velocidade do pensamento: com um sistema nervoso digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LEMOS, André L. M. *As estruturas antropológicas do cyberspaço*. [On-line]. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/artigos.html>
- McLUHAN, Marshall. *Understanding media*. Cambridge: MIT Press, 1994.
- TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ROBERTSON, Douglas R. *The new renaissance: computers and the next level of civilization*. New York: Oxford University Press, 1998.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *La comunicación/educación como nuevo campo del conocimiento y el perfil de su profesional*. In: *Comunicación-Educación: coordenadas, abordajes y travesías*. Bogotá, Fundación Universidade Central, Departamento de investigaciones, DIUC, 2000.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- SQUIRRA, S. *Jornalismo online*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1998. [Original em cópia reprográfica].
- TRIVINHO, Eugênio. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. 466p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- VERWEY, Peter. *The digital journalism*. Disponível no endereço eletrônico: <http://argus.fcj.hvu.nl/digirev/hst1.htm#a8>.